

CONTRA FATO, HÁ ARGUMENTO: LEITURA DE UMA REVISTA CULTURAL DE RESISTÊNCIA¹

Débora Cota

A ciência crítica entende-se como parte ¾ sempre mediada ¾ da práxis social. Não é “desinteressada”, posto que sempre a acompanharam interesses. O interesse consistiria, numa primeira apreciação, em interesse por um estado racional, por um mundo sem exploração nem pressões inúteis.

As palavras de Peter Bürger, esboçadas como epígrafe deste texto, servem como metáfora do objeto de pesquisa estudado neste trabalho. O sujeito deste período poderia ser substituído, sem prejuízos, pelo próprio objeto, ou seja, pela revista *Argumento*², visto que tais palavras sintetizam os principais elementos definidores desta publicação levantados por esta leitura. Desta forma, o não ser “desinteressada”, o desejo por um estado racional e por um mundo “sem exploração e nem pressões inúteis” são evidenciados na revista, através de palavras e expressões chaves como, “Contra fato, há argumento”, “esforço de lucidez” e “consciência”.

Tais questões vêm à tona, já no exame do título, do *slogan*, “Contra fato, há argumento” e na leitura do editorial/manifesto da revista. Ao intitular-se *Argumento, revista mensal de cultura* define-se como um meio racional, analítico de tratar a cultura e os acontecimentos do país, constituindo-se num contraponto em relação a outros meios violentos

¹ O texto que apresento aqui é um resumo de minha dissertação de mestrado defendida em setembro de 2001, na Universidade Federal de Santa Catarina e que leva o mesmo título: *Contra fato, há argumento: leitura de uma revista cultural de resistência*. Tal pesquisa esteve vinculada ao projeto integrado “Poéticas contemporâneas” do Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC) daquela universidade, no qual catalogam-se periódicos literários e culturais que circularam ou ainda circulam no Brasil desde a década de 70 com vista a formação de um banco de dados informatizado que organize as informações a respeito das publicações e automatize a pesquisa das mesmas.

² O lançamento de *Argumento*, pela editora *Paz e Terra*, ocorreu em setembro de 1973, a partir daí foram publicados apenas mais três números, pois a revista de número três de janeiro de 1974 foi retirada de circulação pela ditadura militar, o que levou à publicação de somente mais um número que já estava no prelo naquele momento e que foi distribuído pelos próprios organizadores da revista.

e antidemocráticos que fazem resistência à situação política/cultural da época na qual circulava, (anos 70). O “fato” seria a força, como afirmou Antonio Candido, um dos organizadores da revista, e a utilização do título *Argumento*, proporcionava o sentido de marcar o direito da razão em funcionar contra a “força”, diz o crítico.³

Não é sem propósito que Antonio Candido refere-se ao “fato” como força: no início da década de 70, os atos de repressão e censura praticados sob o comando dos militares ou os roubos e seqüestros liderados pelos movimentos que aderiram à luta armada contrária ao regime são exemplos claros de violência e abusos de poder, de uma opção pouco ou quase nada racional de participar da vida cultural e política do país. Ao tomar uma posição contrária ao “fato”, a revista demonstra sua postura de resistência, mas é ao colocar a razão como sua opção que especifica ainda mais o seu modo de ser contra.

Desse modo, seu editorial manifesto além de apresentar seus argumentos, ou seja, as propostas da publicação, como a de preencher um “vácuo cultural”, e a de ser um “esforço de lucidez”, fornece também os fatos: existência de um vácuo cultural, exílio de intelectuais, a dependência, a acomodação e o arrivismo, o que configura um diagnóstico implícito da situação do país.

O ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”⁴ de Antonio Candido, é o primeiro artigo do número inaugural da revista, e é a partir deste ensaio que se visualiza um esboço, um contorno do projeto cultural veiculado por *Argumento*, pois aborda questões que ecoam em toda a publicação. O artigo se volta para a denúncia e o desejo de superação da situação de subdesenvolvimento e dependência; para a constituição de uma identidade nacional que se contraponha ao estrangeiro e que seja marcada pela consciência da realidade nacional e pela

³ CANDIDO, A. O gosto pela independência. *Recortes*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. p. 97.

⁴ Segundo Antonio Candido, em *A educação pela noite e outros ensaios*, este ensaio foi publicado, em tradução francesa de Claude Fell, na revista *Cahiers d'histoire mondiale*, UNESCO, 4, 1970, e em espanhol, na obra coletiva a que se destinava, *América latina en su literatura* (coord. e introd. de César Fernández Moreno), México, UNESCO/Siglo Veintiuno, 1972, editada em português pela Editora Perspectiva (São Paulo, 1979). Em português, foi publicado pela primeira vez na revista *Argumento* e, posteriormente, como capítulo do livro *A educação pela noite e outros ensaios*, São Paulo: Ática, 1989.

não alienação; para a cultura de resistência, com relação ao quadro político e cultural instituído e as formas irracionais de ser contra; para a denúncia da indústria cultural, que colabora na manutenção do estado de subdesenvolvimento cultural e auxilia na despolitização do povo e, por fim, para a presença de uma crítica literária voltada a uma perspectiva sociológica, que se encaixa com a postura de resistência da revista, pois entende o contexto, o social, como constituinte da obra literária.

Entre outros ensaios que discutem estas questões encontra-se “Cinema: trajetória no subdesenvolvimento”, de Paulo Emilio Salles Gomes⁵. Propondo um desenrolar de texto que mostra, da mesma forma que o artigo de Candido, uma evolução, Paulo Emilio trata do meio cinematográfico brasileiro baseando-se nas fases de maior expressão e em seus intervalos e conclui que os melhores quadros ainda derivam do cinemanovismo e de suas adjacências, ou seja, de um tipo de cinema que exprimia uma consciência social.

O artigo do crítico Paulo Emilio, aponta como saída da dependência e do subdesenvolvimento o cultivo de produções culturais que apresentem a consciência do que é de fato o país, assim como Antonio Candido que vê saída através da busca de uma fonte de criação também nacional. Desta forma *Argumento* prima por uma cultura que valorize o nacional pelo que historicamente ele é: dependente e subdesenvolvido e por ações que busquem a superação deste estado. Esta consideração, que está também na base do desenvolvimento visado pela “teoria da dependência”, levaria o Brasil, ou melhor, a América Latina a ter um lugar de destaque junto ao contexto mundial e apresenta-se também como a afirmação de uma identidade nacional e de uma cultura brasileira.

Desta reflexão sobre o projeto cultural da revista também emerge a questão dos intelectuais: dando uma maior legitimidade à publicação, o periódico exhibe uma comissão de redação formada, em sua maioria, por nomes já renomados ou ascendendo intelectualmente.

⁵ GOMES, Paulo Emilio Salles. Cinema trajetória no subdesenvolvimento. *Argumento – revista mensal de cultura*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, n. 1, p.54-67, out. 1973.

Além dos já citados, encontra-se também Barbosa Lima Sobrinho (diretor), Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Roberto Schwarz, João Luiz Lafetá e Davi Arrigucci Jr.. Apesar de mostrarem uma conscientização quanto à situação do país, promovendo um trabalho de oposição, de crítica e não cooptação, o grupo de *Argumento* fala para um grupo restrito de leitores, como os professores, intelectuais e alunos de universidades, ou seja, não se dirige ao povo, as pessoas de todas as classes sociais, como demonstrava, por exemplo, a prática do CPC da UNE atuante até 1964. Mesmo conscientes de serem uma classe marginal, como afirma Giannotti, em seu artigo “O contexto e os intelectuais”⁶, e trazerem temas relativos a problemas básicos da população, como a moradia, há uma exterioridade em relação às massas, não se está falando para o povo, nem mesmo se está fazendo o povo falar, criando, por exemplo, uma performance do povo. O intelectual aqui não emerge dos grupos sociais existentes, mas, por outro lado, cria seu próprio grupo e se dirige aos seus pares.

Ainda um outro elemento de destaque neste projeto é a questão da América Latina, entendida como a expressão de um desejo irrealizado pois, de acordo com as palavras de Antonio Candido, pretendia-se tornar a revista “uma publicação de cunho e âmbito latino-americanos”⁷. Ligando-se coerentemente com todos os outros temas a América Latina ocupa um grande espaço em *Argumento*, ora tratando especificamente de autores, ou da situação política e social de determinados países, ora a analisando como um todo. Aliás nota-se a opção por um pensamento de integração, no qual a cultura encontra-se como a base e também como critério para a definição do que é a América Latina. Neste sentido, em “Um processo autônomo: das literaturas nacionais a literatura latino-americana”, Ángel Rama expõe três traços definidores do comportamento cultural desta região que irão servir de justificativa para a integração por ele projetada e, de certa forma, expressam o que é a América Latina: os três

⁶ GIANNOTTI, J. A. O contexto e os intelectuais. *Argumento: revista mensal de cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, n. 4, p. 58, fev. 1974.

⁷ CANDIDO, A. Uma visão latino-americana, in: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F. (Orgs.) *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993. p. 263.

traços definidores seriam: uma identidade comum enformada pela herança românica; a “forma de apropriação das culturas estrangeiras (românicas ou não), própria de um continente dotado de estrutura econômica dependente” e “a estrutura cultural da América Latina tanto no que se refere ao seu mestiçamento (...), quanto à peculiar estratificação social do continente ao longo dos séculos (...)”.⁸

Portanto, observa-se que, em *Argumento*, a integração se dá também e especialmente pelo aspecto cultural. É a partir da cultura, haja vista ser uma publicação cultural, que a revista vai tratar da América Latina e essa cultura constitui-se, como cultura de resistência, que se opõe à situação de subdesenvolvimento e à falta de consciência, à cultura alienada e massificada e à irracionalidade de algumas formas de poder.

Uma resposta plausível do porquê desta presença e abertura ao continente, está no fato da publicação ser um instrumento de resistência ao que está político e culturalmente instituído: a *Argumento* assume a “vocação latino-americana de integração”, como forma de fortalecer o pensamento divergente e os movimentos de oposição   situação vigente, vocação esta encontrada na revista, principalmente devido à colaboração do crítico uruguaio  ngel Rama.

A possibilidade de se apontar para uma concepção de cultura unificadora do pensamento dos colaboradores da revista, ocorre devido ao fato da existência de certa coerência ideológica na publicação. Não há pol micas internas, linhagens diversas, abertura para outras formas de pensamento, nem espaço para abordagem de assuntos que não apresentam vínculo explícito com a perspectiva ali defendida. A revista parece mais uma rede que leva um texto a outro, um autor a outro, e assim sucessivamente. Porém, dentro deste conjunto coerente que constitui a revista *Argumento*, observa-se um paradoxo: a revista critica e ao mesmo tempo se imbu  dos ideais iluministas.

⁸ RAMA, A. Um processo aut nomo: das literaturas nacionais a literatura latino-americana. *Argumento – revista mensal de cultura*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, n. 3, p.46 e 47, jan. 1974.

É através do apelo a razão, expresso ora, por seu título e/ou seu *slogan* e ora pelas suas propostas como a de ser um “esforço de lucidez”, ou seja, ser um meio esclarecedor, mostrando que são os intelectuais as pessoas capazes de tomar decisões e resolver as questões políticas e culturais do país, que a publicação demonstra-se atrelada aos ideais iluministas. Mas, por outro lado, é atribuindo a própria ideologia iluminista o atraso cultural do continente que incorre em incoerência. Este último aspecto é presente em “Literatura e subdesenvolvimento”, artigo que, como se procurou mostrar, abre a revista e aglutina os principais aspectos do projeto cultural de *Argumento*. Nele o autor afirma que foi através desta ideologia que os intelectuais da época construíram uma visão “deformada” da sua posição em relação à incultura dominante:

Ao lamentar a ignorância do povo e desejar que ela desaparecesse, a fim de que a pátria subisse automaticamente aos seus altos destinos, eles [os intelectuais] se excluíam do contexto e se consideravam grupo à parte, realmente “flutuante”, num sentido mais completo que o de Alfred Weber. Flutuavam, com ou sem consciência de culpa, acima da incultura e do atraso, certos de que estes não os poderiam contaminar, nem afetar a qualidade do que faziam. Como o ambiente não os podia acolher intelectualmente senão em proporções reduzidas, e como os seus valores radicavam na Europa, para lá se projetavam, tomando-a inconscientemente como ponto de referência e escala de valores; e considerando-se equivalentes ao que havia lá de melhor.⁹

O paradoxo, no entanto, não chega a abalar a coerência ideológica de *Argumento*: uma prova de tal constatação é o fato de que, apesar de circular com apenas quatro edições em meados dos 70, a *Argumento* parece ter deixado sua bandeira de pé, sobretudo nas mentes intelectuais deste país.

⁹ CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento, *Argumento – revista mensal de cultura*. Rio de Janeiro: Paze Terra, nº 1, p. 13, out. 1973.